

# O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SÉ na Rua do Hospicio 85	Preço da assignatura por mez	Para a Corte..... 1\$000 Para as Províncias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	--	--

## A DESFORRA DE UM DEFUNTO

L

Por traz do conde estavam Louvet e Mimoso, acompanhados pelo Dr. Roberto.

Com prompto e vivo gesto, Louvet indicou Gontran ao medico, o qual se apressou em socorrer o ferido, e, voltando-se para o conde des Aiglades, que se conservava interdicto e mudo :

— Peço-lhe mil perdões, Sr. conde, disse com apurada polidez; chego sem duvida muito fóra de propósito, vindo interromper o seu duello, mas os deveres de minha profissão...

O conde quiz mostrar firmeza. Inclinou-se e sorriu-se.

— Muito sentiria incomodá-lo, respondeu elle em tom cortez, e, visto que deseja ficar só... vou deixá-lo.

— Como queira, Sr. conde.

— A casa está ás suas ordens, accrescentou o conde, e vou recommendar expressamente que não lhe opponham a menor resistencia.

Louvet fez um gesto de aprovação, e o conde des Aiglades retirou-se alliviadíssimo de todas as apprehensões de que se achava possuido.

— Como!... o senhor deixa-o partir!... observou Mimoso, logo que o conde se afastou.

Louvet encolheu os hombros.

— Tu não comprehendes a cousa, respondeu elle; o conde não terá dado dous passos sem que caia nas unhas dos outros. Socega, pois, e deixa-me fazer o que entendo.

E, aproximando-se do doutor, que prestava os seus cuidados a Gontran:

— Então, perguntou com um certo interesse, que diz do nosso homem?

— Foi ferido profundamente, respondeu o medico.

— O ferimento é mortal?

— Não creio.  
— Nesse caso, não ha perigo?  
— Respondo pelos seus dias.  
— Bom!... Trate delle... não o deixe, e, se elle puder, dentro de uma hora, sahir do palacete, eu lhe mandarei dizer para onde deve ser conduzido.

E Louvet sahiu da sala de armas, levando consigo Mimoso. Dirigiram-se para a entrada da rua de Santo Honorato.

Mimoso seguia o seu chefe, inquieto e preocupado.

— Então! então! disse de repente Louvet, admirado do silencio de seu acolyto; acaso perdemos o uso da palavra?

— Por enquanto não; mas estou reflectindo.  
— Em que?  
— No que se acaba de passar.  
— Admira-te isto?

Mimoso abanou a cabeça.

— O que me atrapalha, Sr. Louvet, o que não consigo comprehendêr, disse elle, é o duplo facto que acaba de dar-se; de um lado, o rapto da condessa; do outro, a prisão do conde.

— Pois é muito simples, respondeu Louvet. O rapto da condessa foi executado fóra da nossa alcada por um homem que prosegue no seu intento, e que está bem proximo de attingir o fim que se propõe.

— Didier?  
— Justamente.  
— E o conde?...

— O conde... é cousa diversa... Quando mandei no outro dia revistar Didier, sabia que elle trazia consigo umas cartas cujo conteúdo era a revelação de um crime commettido ha quinze annos. Uma vez senhor desse segredo, quiz eu fazer, comodamente, as pesquisas a que as taeas cartas deviam forçosamente dar logar, e nesse intuito fingi um desapparecimento.

— Comprehendo.  
— Deves então comprehendêr tambem que, ao cabo de alguns dias,achei-me sufficientemente esclarecido, que todas as minhas duvidas se desfizeram, e que a verdade brilhou inteira e plena!

— E que tencionas o senhor fazer agora?  
— E' o que vais vêr.  
— Aonde vamos então?  
— Dir-t'o-hei quando houvermos chegado!  
Acabavam elles de sahir do palacete d'Orvado;

um carro estacionava á porta; Louvet abriu a portinhola.

— Entra! disse elle a Mimoso, que obedeceu.

E, debruçando-se á portinhola, indicou-lhe bixinho uma morada, que o outro recebeu admirado.

— E agora, a caminho! acrescentou Louvet embarcando por sua vez no carro, que se afastou imediatamente, rodando com uma certa velocidade relativa.

Se o leitor permitte, abandonaremos por poucos momentos Louvet e o seu acolyto Mimoso, para dar a conhecer o que era feito da condessa d'Orvado.

Conforme o dissera Polichinello á Julieta, tres homens, postados na extremidade da escada secreta, tinham-se precipitado sobre a condessa, haviam-n'a amordaçado, e, carregando-a nos braços robustos, tinham-n'a transportado até á porta que deitava para os Campos-Elyrios.

Alli estava uma carruagem á espera.

Metteram-n'a dentro dessa carruagem; Rougeot-Cadet tomou logar a seu lado, e o vehiculo partiu a galope.

Um quarto de hora depois, parava elle na praça Maubert, á porta da casa onde morava o Philosopho.

Logo que a porta abriu-se, tiraram a condessa do carro, e, sempre carregada pelos homens que a tinham raptado, foi ella conduzida para a agua-furtada que o Philosopho ocupava.

Uma vez alli, depuzeram-a na mesma sala onde a associação dera o seu banquete, e, depois de lhe tirarem a mordaça, deixaram-n'a sózinha, alumiada apenas por uma vela que projectava no compartimento duvidosa claridade.

Só então pôde a desgraçada respirar.

Volveu em torno da sala um olhar assustado, e avistou varias cousas que a intrigaram.

Havia uma mesa posta no meio do compartimento. Contou ella os talheres. Eram onze!

Ao longo das paredes viu algumas arandelas feitas grosseiramente de madeira, tendo cada uma duas velas promptas para serem acesas.

Esse quadro tranquillisava-a e ao mesmo tempo assustava-a; e a si propria perguntou a misera a que espectáculo queriam que ella assistisse.

Meia hora se passou assim; depois a porta abriu-se e um homem entrou.

Ao aspecto desse homem a condessa estremeceu.

Trazia elle um vestuario que ella se lembrava muito vagamente de ter visto outr'ora, e que lhe comunicou uma especie de supersticioso terror.

Era um vestuario de galé!

Jaqueta encarnada, de mangas amarelas, calça de brim e barrete verde.

A condessa ergueu-se gelada de horror.

Quiz fugir, mas as pernas vacillaram-lhe.

Tornou a cahir acabrunhada na cadeira.

Entretanto o homem não prestara atenção ao abalo que a sua presença dispertaria na condessa, e puzera-se tranquillamente a acender as vellas.

Quando acabou, fez ouvir um signal, e imediatamente entraram na sala onze individuos, tão estranhos como o primeiro.

A condessa, porém, não viu senão um... um unico...

O que entrará por ultimo...

Trajava elle como os outros a libré da infamia: a jaqueta encarnada das galés e o ignobil barrete verde...

A sua elevada estatura, sua fronte pura, o seu olhar intelligent, tudo n'elle attrahia imperiosamente a attenção.

A condessa tapou o rosto com as mãos e soltou um grito mal abafado.

— Elle! elle! balbuciou desvairada.

Naquelle homem, naquelle galé, acabava de reconhecer Didier.

— O senhor! o senhor! Deus do céo!... murmurou a desgraçada com um soluço.

Didier teve um momento de hesitação.

Vendo-a assim abatida e tremula, esteve quasi a deixar-se surprender pela compaixão...

Mas reagiu quasi logo contra a sua propria fraqueza, e deu um passo para a condessa.

— Então reconheceu-me! disse com amargurado sorriso. Quinze annos dos mais horriveis tormentos não me mudaram a ponto de fazel-a hesitar!

— Qual é o seu designio, conduzindo-me a este logar? balbuciou a condessa.

— Oh! não adivinha? respondeu Didier. Pois não era natural que tivesse o desejo de tornar a vél-a, e não me houvera a senhora repellido, se eu tivesse tido a ousadia de ir procura-la ao palacete d'Orvado?

— Mas esse trajo...

— E' o trajo que a senhora me deu...

— E esses homens?...

— Esses homens foram os companheiros das cruéis provações que soffri, — são criminosos, falsarios, ladrões, assassinos... e era justo, ao menos, que antes de separar-me delles, eu lhes apresentasse minha mulher.

A condessa apertou a cabeça nas mãos, com um gesto de horror, e balbuciou algumas palavras incoherentes que Didier não comprehendeu...

Entretanto, Rougeot-Cadet e seus amigos tinham já tomado logar á mesa, e não faltavam senão Clotilde e Didier.

Este ultimo offereceu a mão á misera.

— Venha! disse em tom imperioso e firme.

— Como? que quer o senhor que eu faça? murmurou a condessa.

— Quero que presida a este banquete de despedida.

— Ah!... nunca!... E' odioso isto, e covarde! O senhor abusa da minha fraqueza... porque não ha ninguem aqui para defender-me e proteger-me!

Uma gargalhada de Rougeot-Cadet e do Jaguar interrompeu a condessa e gelou-a de medo.

# A BASTARDA

## PRIMEIRA PARTE

### A AMANTE DO AMO

#### I

DUAS HORAS DA MANHÃ

(Continuação.)

O Sr. de Vezay soltou um grito de raiva e de angustia, semelhante ao grito que se escapa da garganta do homem que é ferido no peito por uma bala.

E deixou-se cahir na cadeira que se achava mais proxima.

Escondeu o rosto livido em ambas as mãos crispadas.

Algumas lagrimas lhe correram, uma a uma, por entre os dedos.

O couteiro seguia-o com o olhar.

Cousa inexplicavel!.. longe de tomar parte naquella pungente tortura, naquelle indizivel desespero, Caillouet, certo de que não era visto, sorria-se amargamente.

E havia no sorriso daquelle homem o quer que seja de estranho, — de assustador, — de profundamente sinistro.

Desde o começo do dialogo que reproduzimos, o Sr. de Vezay interrogava com visivel contrariedade, com manifesta angustia.

O couteiro, ao contrario, com as suas respostas laconicas e bruscamente incisivas, parecia obrigar voluntariamente o amo a continuar, a multiplicar as perguntas.

O conde levantou a cabeça.

A sua palidez estava mais livida do que antes. Voltou-se para o couteiro.

— Caillouet... disse-lhe em voz baixa, exausta, quasi supplice.

— Sr. conde? perguntou o interlocutor.

— Estás certo... bem certo de que não te enganaste?..

— Oh! certissimo!

— Entretanto, a escuridão da noite...

— Que importa a escuridão?.. tenho boa vista; além de que, sou como os lobos e as raposas, vejo mais claro de noite do que em pleno dia.

— Bom! balbuciou o conde fallando consigo mesmo; é impossivel duvidar!...

O couteiro ouvira.

— Oh! inteiramente impossivel! repetiu elle.

— E... dize-me uma cousa... viste o semblante desse homem... que se introduz furtivamente no parque e no castello... desse homem que affirms

estar, neste momento, no quarto de... da Sra. con dessa?

- Como estou vendo o seu, Sr. conde...
- E... conhecias esse semblante?...
- Conhecia-o.
- Sabes então o nome desse homem?...
- Perfeitamente.

O Sr. de Vezay levantou-se, agarrou com força no punho do couteiro, e, com voz estrangulada, exclamou:

— Quem é elle?...

Caillouet desprendeu o punho, que o conde maoava inconscientemente, e respondeu:

— Esse homem é o visconde Armando de Villedieu.

Sem duvida, o nome pronunciado pelo couteiro abriu uma nova ferida no coração já dilacerado do Sr. de Vezay.

Durante dous ou tres segundos, as suas feições convulsionadas manisfetaram atroz padecimento.

— Meu amigo intimo... quasi meu irmão!... murmurou elle.

— Seu amigo intimo, sim! repetiu Caillouet.

As unhas do Sr. de Vezay dilaceravam-lhe o peito.

Quando elle retirou a mão, larga nódoa vermelha tingiu-lhe a fina cambraia da camisa.

Quasi logo, porém, a expressão de sua physionomia se modifieou.

Terrivel calma pareceu substituir, sem transição, a tempestade que acabava de bramir no seu coração, na sua alma e no seu cerebro.

E elle continuou a interrogar.

Agora, porém, a sua voz já não tremia.

#### II

### A ESCOLHA DE UMA ARMA.

— Caillouet, perguntou o Sr. de Vezay, por onde é que o visconde de Villedieu se introduz no parque?

— Pela portinha que fica ao lado do pavilhão de caça.

— Mas essa porta não estava fechada?

— Sim, senhor, e com duas voltas.

— Então o visconde tem uma chave?

— Tem, pois que entrou.

— Ele estava sozinho?

— Creio que não.

— Explica-te.

— Na occasião em que o Sr. Villedieu tornava a fechar a porta, ouvi o relinchar de dous cavallos do lado opposto do muro. Ora, desde que ha dous cavallos, concluo dahi que deve haver um criado.

— E' justo. O teu raciocinio é logico, Caillouet...

Caillouet não sabia o que queria dizer a palavra logico.

Não respondeu, portanto.

O conde prosseguiu:

— Uma vez o Sr. de Villedieu no parque, tu seguiste-o?

— Sim, Sr. conde.  
— E que foi que se passou?  
— O visconde pôz-se a caminhar apressadamente, na alameda que conduz direito ao castello.

«O ruido de seus passos se perdia no ruido do trovão.

«Elle estava envolto em um manto escuro e roçava nos ramos das arvores caminhando, de modo que, se não fôra o clarão dos relampagos que m'o mostrava de vez em quando, eu não teria sabido se elle havia passado adiante de mim ou se ficára atraz...»

— E depois?

— Depois chegou em frente á ala esquerda, — onde se acha a porta da escada particular que conduz aos aposentos da Sr. condessa...

— Tinha tambem una chave dessa porta?

— Não, senhor.

— Que fez então?

— Pôz as mãos na boca, em forma de buzina, e soltou um grito debil e prolongado, que muito se assemelhava ao grito de uma aye nocturna, tanto que a principio me enganei...

— Ah!

— Esse grito, porém, renovou-se tres vezes seguidas, e vi perfeitamente que era o Sr. visconde que dava o signal...

— E depois?

— A janella abriu-se.

— Qual dellas?

— A do meio da grande sacada. Percebi, no escuro, uma forma indistincta que parecia debruçar-se, como para vêr atravez das trevas...

«O Sr. de Villedieu viu tambem esse vulto.

«E murmurou baixinho :

«— Sou eu, sim...

«Então, uma cousa qualquer roçou pela parede, desenrollando-se.

«O Sr. de Villedieu precipitou-se para ella, e, momentos depois, transpunha a sacada...»

— Tinham-lhe atirado uma escada de corda, não foi?

— Justamente.

— Tu te certificaste?

— Sim, senhor. — Aproximei-me da parede, toquei na corda fluctuante.

— Bem! disse o Sr. de Vezay; muito bem, Caillouet! tu és um amigo dedicado, um bom e fiel servidor...

Novo sorriso desenhou-se nos labios do couteiro.

Esse sorriso era mais sinistro ainda e mais ameaçador do que aquelle de que já fallámos.

Apagou-se elle, porém, quasi logo, sem ter sido notado pelo conde.

O Sr. de Vezay conservou-se calado durante dous outros minutos.

Parecia estar reflectindo profundamente.

Depois continuou :

— Toma esta lampada.

O couteiro obedeceu.

— Alumia-me.

Caillouet ergueu a lampada.

— Passa adiante.

Caillouet deu um passo.

— Para onde imos nós? perguntou.

— Ao meu quarto de dormir.

O couteiro conhecia o caminho.

Abriu a porta de um corredor, pelo qual avançou.

Esse corredor conduzia ao aposento particular do Sr. de Vezay.

O conde, precedido de Caillouet, penetrou em um grande quarto, sumptuosamente mobilhado, mas de aspecto sombrio e severo.

O leito — de estylo da idade média — colocado em cima de um estrado para o qual subia-se por uma escada de tres degráos, era de carvalho esculpido, com columnas torneadas e baldaquino.

Pesadas cortinas de lustrina, cór de folha secca, occultavam metade desse leito e pendiam em frente das janellas.

As cadeiras — altas poltronas de respaldos brasonados, — eram, como o leito, de carvalho esculpido.

As paredes eram tambem forradas com largos retabulos da mesma madeira.

Em cada um desses retabulos viam-se curiosos trophéos de armas de todas as epochas e de todos os paizes.

Havia alli a massa de armas, a lança, a adaga dos tempos da cavallaria.

Havia a cimitarra mourisca, o cric malaio, o kandgiar indiano.

A carabina, o arcabuz, o mosquete, o bacamarte.

As espingardas modernas dos melhores armeiros de Londres e Pariz, pistolas de sella, de tiro e de algibeira.

Emfim, no meio de uma quantidade enorme de outras armas cuja enumeração tornar-se-hia demasia-do longa, diversas espadas, punhaes e facas de caça.

O conde aproximou-se de um desses trophéos.

— Caillouet, repetiu elle, alumia-me.

A claridade viva da lampada fez saltar mil faiscas do aço brunido das espadas, das laminas curtas e embutidas dos estyletes, dos punhaes guarnecidos de ouro e de rubins, dos sabres arabes.

(Continua no proximo numero.)

## EXPEDIENTE

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelle que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que quizerem continuar a receber no proximo mez o *Folhetim* que a remessa da folha será suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.